











## **Douro – viagem ao "Reino Maravilhoso"**

**De Miguel Torga – Obra completa. Ensaios e Discursos, Miguel Torga, ed. Circulo de Leitores, pág.21**

*"Um Reino Maravilhoso( Trás – os – Montes )*

*Vou falar-lhes dum Reino Maravilhoso. Embora muitas pessoas digam que não, sempre houve e haverá reinos maravilhosos neste mundo. O que é preciso, para os ver, é que os olhos não percam a virgindade original diante da realidade e o coração, depois, não hesite. (...)"*

**De Diário I, Miguel Torga, ed. Coimbra, pág.22**

*"Vila Nova, 18 de Março de 1936 – "Cavam de sol a sol, comem um caldo, mas são felizes, não têm preocupações"..."*

*Ouçõ isto na cidade e meto-me no comboio, indignado. Que estupidez! Como se o problema da quadratura do círculo fosse maior do que o problema de saber se chove ou não no dia da sementeira. Que vale um boi, num café? Em termos de pura dor – nada. Pois digo que nunca vi ninguém sofrer tanto como o meu vizinho a quem morreu um esta noite.*

*Sei a resposta: que quem sofre por uma ideia bebe, digamos, o sofrimento na sua bforma mais pura.*

*Que me importa a mim! Tudo são homens. E ao cabo, tanto pesa uma arroba de terra, como uma arroba de filosofia"*

**De Diário II, Miguel Torga, ed. Coimbra, pág.53**

*"S. Vicente, de 10 de Agosto de 1942 – A ver esta juventude rodar como moscas pela estrada fora, perdi a cabeça e fui de bicicleta a Entre-os-Rios visitar o Doiro. É a minha carótida verdadeira, aquele rio. Nove e meio de tensão arterial, mas um sangue onde um barco rabelo ergue a vela e não há nada que o faça parar. É poesia por aí fora, que só quem for cego é que não vê."*

**Do Guia do Douro e do Vinho do Porto, de Manuel Carvalho ( jornalista do Público ), ed. Afrontamento, 1995, pág.161 e 162**

*"Janelas abertas em toda a extensão, olhos bem abertos para a paisagem fluvial, máquina fotográfica pronta a disparar que o comboio está a chegar ao "Paiz Vinhateiro". Hoje como em 1887, quando a construção da Linha do Douro foi concluída, uma viagem entre o porto e a última estação aberta antes da fronteira com Espanha, Pocinho, propicia condições ediais para sentir na pele a beleza mágica da paisagem do Alto Douro. Depois da chegada a Barqueiros, porta de entrada no Baixo Corgo, o comboio e o rio estabelecem uma cumplicidade que os manterá lado a lado ao longo das dezenas de quilómetros que*

*separam a fronteira ocidental da região demarcada do Pocinho.*

*Depois de deixar para trás as estações ferroviárias portuenses de S. Bento ou de Campanhã, o comboio gasta quase uma hora do seu percurso na travessia das paisagens de influência minhota até Marco de Canavezes. Um pouco mais à frente, quando terminar a passagem do enorme túnel do Juncal, inicia-se a descida até às margens do Douro. Chega-se pouco depois á Pála, ultrapassa-se Mosteirô e não tarda nada que no horizonte apareçam os primeiros sinais das vinhas.*

*A estação da Régua é sem dúvida o principal ponto ferroviário da linha do Douro. Muitos comboios que vêm do Porto terminam aí a sua viagem. É também desta estação que partem os comboios ronceiros e indolentes que fazem a subida do vale do Corgo até Vila Real. Os durienses chamam carinhosamente o "Texas" a estas automotoras que um bom velocista pode bater nas encostas mais íngremes. Fora da estação podem ainda encontrar-se transportes rodoviários que se dirigem a várias localidades da zona envolvente do Baixo Corgo.*

*A viagem prossegue em direcção ao Pinhão, agora a um ritmo mais calmo que no troço anterior devido às condições da linha. Antes de se chegar a esta pequena vila que deve o seu nascimento ao vinho do porto e aos comboios, há que reparar atentamente no esplendor das vinhas e das quintas. O Pinhão serve de centro às belíssimas áreas produtoras que se sucedem até ao Tua, incluindo o vale do Pinhão, o vale do Torto ou as encostas do Roncão. O Tua é outra povoação minúscula que foi inventada para servir de base ao cruzamento ferroviário entre a linha do Douro e a via estreita que segue por um vale encaixado, agreste e extremamente belo até á cidade de Mirandela".*

As minhas palavras terão forçosamente que se revelar breves, tal é o impacto da "Ilha de Xisto" que é o Alto-Douro no coração de quem o visita.

O Douro, transformado também em palavras - A Obra de Miguel Torga.

A paisagem não cabe nas janelas do comboio, tão grande ela é.

As fotografias que aqui partilho com A Baixa do Porto têm o objectivo de sensibilizar quem ainda não fez esta viagem.

A viagem até ao Pocinho é imperdível, e não são estas miseráveis fotos que têm a pretensão de o querer demonstrar. Há-que fazer a linha do Douro, e só assim ficar a "perceber um pouco mais sobre a vida".

O contrário desta homenagem ao "Reino Maravilhoso" Alto Douro – Linha do Douro / Linha do Corgo / Linha do Tua, etc... é o movimento "Barragista" e "Estradista" que desde os anos Cavaco Silva 1º ministro tem vindo a fechar linhas, deslocar carris, acabar com serviço de transporte de mercadorias, reduzir horários às populações, instalar Barragens que electrificam outras cidades longe e não Trás-os-Montes, abrir autoestradas para permitir mais poluição, mais acidentes viários e uma saída mais rápida dos Transmontanos para a emigração para o Porto ou França via automóvel...

O Colonialismo é isto. Colonialismo não é um "chavão". Colonialismo é quando alguém de fora de uma terra lhe suga as riquezas naturais ( a electricidade do movimento dos Rios ), e em troca não permite o desenvolvimento dessa mesma Colónia. Os Transmontanos e AltoDurienses, assim colonizados, emigram para outras paragens.

Mas agora, com o advento de todos os Turismos que salvam um país menos Agrícola e menos Industrial, teremos então força para contrariar o Estradismo e o Barragismo dos novos Cavaco Silva ( Sócrates / Mexia) que continuam a tentar explorar Trás-os-montes no seu pior?

Comboios cheios, paisagem maravilhosa, Quintas e hotelaria já a "mexer", não são já FACTOS suficientes para contrariar os argumentos dos Cavacos, Sócrates e Mexias?

Um brinde em cálice de Porto ao fim da Barragem do Tua e ao advento de um novo "Reino Maravilhoso" Ferroviário. Façamos por isso, a começar por viajar mais de comboio, dando o exemplo.

Pedro Figueiredo